



**O Reinado de Ilè-Ifé e o Festival Olojo:
Diálogos com a Moda e com o Brasil**

**The Kingdom of Ilè-Ifé and the Olojo Festival:
Dialogues with Fashion and Brazil**

José Roberto Lima Santos¹

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar a produção de trajes apresentados no Festival Olojo de Ilé-Ifè, localizada no Estado da Nigéria, que tem preservado a tradição, cultura e a produção do vestuário com o uso de técnicas milenares de estamparia em tecidos. Partimos da hipótese que a cultura viva africana iorubá, desenvolve narrativas que são impressas no tecido para que haja a perpetuação de seus valores, visando manter a tradição do passado, colocando-a em tempo presente, vislumbrando sua permanência para o futuro.

Palavras-chave: estamparia adire; festival olojo; moda africana; moda yorùbá; trajes africanos.

ABSTRACT

¹ José Roberto Lima Santos, é Artista e Pesquisador. Atualmente é Doutorando em Artes - UNESP - (2023-2027). Em 2021, concluiu o mestrado acadêmico na UNESP "Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho/IA- Instituto de Artes Campus São Paulo. Graduado e especialista em Artes Cênicas pela FPA – Faculdade Paulista de Artes (2010-2014). Faz parte do Grupo Terreiro de Estudos e Pesquisas Cênicas: Teatro, Brincadeiras, Rituais e Vadiagens, dirigidos pela Prof.^a Dra. Marianna Francisca Martins Monteiro. Membro do grupo Fayola Odara – Grupo de Pesquisa Estética e Cultural Africana e Afrodiaspórica da Universidade de São Paulo – USP, dirigido pela Profa. Dra. Aymê Okasaki. Em 2023 recebeu menção honrosa do ALARI – Afro-Latin American Research Institute – Harvard University entre os dez melhores projetos de conclusão de curso com o artigo: A roupa de Logúnedè e a cosmopercepção iorubá. Em 2018, por meio do 16º ABEPEM/Colóquio de Moda, foi homenageado pelo trabalho contínuo de pesquisa sobre o vestuário Egúngún. Flerta com a performance, o teatro e a dança afro-brasileira contemporânea, contando experiências vividas do corpo negro na diáspora. E ainda, estudos sobre vestimentas, trajes e indumentárias do candomblé ketu e da vestimenta africana iorubá. Há 25 anos atua no carnaval paulistano como Destaque de Chão com vasta experiência em confecção de fantasias, arte plumária e adereços.

Contatos: jrl.santos@unesp.br / www.robertosantosartes.com.br



This work aims to investigate the production of costumes presented at the Olojo Festival in Ilé-Ife, located in the State of Nigeria, which has preserved the tradition, culture, and production of clothing using ancient techniques of fabric printing. We hypothesize that the living African Yoruba culture develops narratives that are printed on fabric to perpetuate its values, aiming to maintain the tradition of the past, placing it in the present time, and envisioning its permanence for the future.

Keywords: adire printing; olojo festival; African fashion; Yoruba fashion; African costumes.

Introdução

Ifé (em iorubá: Ifè/Ilé-Ifè) é uma antiga cidade iorubá no estado de Oṣun, no sudoeste da Nigéria, fazendo parte do complexo muito conhecido como a Iyorubalândia. Evidências arqueológicas indicam que o início da povoação da cidade remonta a 500 a.C. As suas origens, mergulhadas na *mitologia yorùbá*, não nos fornecem, do ponto de vista cronológico, um ponto inicial preciso. Os iorubás vieram do Nordeste, talvez do Alto Nilo, por vagas sucessivas, entre o século VI e o XI, com paragens, em particular no Império de Canem. Segundo pesquisadores, Ilé-Ifè provavelmente foi habitada no século VI, data mais antiga fornecida até agora pelo método do radiocarbono a materiais recolhidos de escavações na cidade.

Sebastião Fernando da Silva, em sua obra denominada *A filosofia de Òrùnmilà-Ifá e a formação do bom caráter* (2015), sustenta que é desta cidade sagrada o ponto de dispersão, da fonte mística do poder e da legitimidade, pois ali se encontra o Chefe de Ifé, denominado Àrábá, o Grande Pontífice; por ser Ilé-Ifè, o lugar originário de consagração espiritual, os restos mortais e as insígnias de todos os reis africanos devem retornar para esta cidade. A cidade de Ilé-Ifè tem a primazia na civilização yorùbá em adotar a monarquia divina, portanto, o soberano - o Àrábá de Ifé é considerado um rei divino (SILVA, p.32, 2015). Além dos reis serem denominados *Àrábá de Ifé*, também podem ser chamados de *Ooni* ou *Obá*, que na tradução literal significa: Chefe ou Rei.

Ilé-Ifè tem passado por um processo de modernização e globalização, uma vez que possui a *Obafemi Awolowo University (Institute of Cultural Studies)*, o Museu de



História Natural da Nigéria, uma estação de televisão local chamada *NAT Ife*, mas não deixando de preservar suas tradições milenares, uma vez que é conhecida no mundo ocidental pela manufatura e domínio de forja de metais, através da arte de esculpir cabeças de bronze de seus reis e pessoas que se tornaram notáveis por seus grandes feitos no decorrer da sua história. E ainda, a produção em larga escala de tecidos *aso oke*, estamparia *adire* e os *wax prints hollandais* que se transformam em belos trajes que além de utilizados no dia a dia, estão presentes em diversos espaços sociais, através de celebrações, festejos e encontros dos mais variados segmentos, e em particular, na moda africana que se espalhou e está presente nos grandes polos de moda do planeta, inclusive no Brasil.

Segundo a cosmogonia africana *iyorùbá*, a cidade Estado de Ilé-Ifé é aclamada por ser o local onde Oduduwa aportou e deu segmento à criação do mundo. Até os dias atuais, preserva-se a aura mística e profunda que envolve toda a cidade, suas relações políticas e filosóficas com as demais cidades Estado da Nigéria, principalmente com Oyó, devido aos conflitos internos e de pacificação que remontam os sécs. XVII, XVIII e XIX. E ainda, com o Ocidente, e em particular com o Brasil, devido a *diáspora negra africana yorùbá*, presente em nossa terra, através da fundação de terreiros de candomblé, de seus aspectos culturais, filosóficos e de preservação do culto às deidades do panteão *nàgô iyorùbá*, conhecidos como orixás espalhados pelas 27 federações (Estados) que formam a nação brasileira. E ainda, pela presença de africanos que residem na cidade de São Paulo.

Um outro exemplo bastante significativo, é a presença do *Royal Palace Ilé Ifé*, que abriga a dinastia da família real desde o séc. XVIII, e atualmente, mantém instalado o Ooni de Ilé-Ifé *Adeyeye Enitan Babatunde Ogunwusi Qjájá II* (1974 -)², com seu séquito e esposas), localizado nas fronteiras das florestas equatoriais do Estado

² Qba Qjájá II nasceu Príncipe Adeyeye Enitan de Giesi, uma das quatro famílias reais da Casa de Oranmiyan. Seu avô paterno era o príncipe Joseph Olagbaju Adewole Ogunwusi, cujo avô era Qba Qràyègbà (também conhecido como Ooni Orarigba ou Orasigba) Qjájá I, que foi o 44º Ooni de Ifé e governou de 1878 a 1880. Através dele, ele é um descendente direto de Ooni Agbedegbede, que era descendente de Ooni Giesi (o progenitor da casa real Giesi) e, portanto, descendente de Qoni Lajodogun. Lajodogun era filho de Qoni Lajamisan (ou Lajemisin), neto do lendário fundador do Império Oyo e do Império Benin, Oranmiyan. Oranmiyan era filho ou neto do primeiro Ooni de Ifé, Oduduwa, e assim Qba Qjájá II é descendente de Odùdùwà, um dos primeiros governantes de Ilé Ifé. Segundo fontes orais, foi dito que seu nascimento era previsto anos antes de ele ser concebido; portanto, o nome Enitan foi dado por sua mãe, enquanto seu avô o chamou de Adeyeye, que significa 'a coroa condiz com o trono'. Ele é o quinto filho de uma família de sete (tradução nossa). Para mais informações consultar: <https://web.archive.org/web/20180329122233/https://vickierobberthospitality.com/2018/03/29/biography-of-h-i-m-oba-dr-adeyeye-babatunde-enitan-ogunwusi-ooni-of-ife/> Acesso em: 13 mai 2023.



de Òṣun, no sudoeste da Nigéria. Nesse local, se preserva a tradição da dinastia real nigeriana, o culto a Oduduwa, os ritos para as demais divindades da família funfun, aos orixás Ògún e Oxóssi, e ainda, para *Ajé Saluga*.

Devido a isso, foi criado o *Olojo Festival*, que acontece todos os anos para perpetuar a tradição de realeza africana, uma vez que o *Ooni de Ilé Ifé*³ renova seus votos com a ancestralidade, através de ritos internos realizando em seu palácio e celebrando com toda a cidade esse importante acontecimento. E para isso, trajes são confeccionados, exibidos para tal ocasião e juntamente com seu séquito, o *Ooni de Ilé Ifé* surge durante as festividades públicas, exibindo todos os elementos vestíveis que lhe legitimam como um soberano, como um líder responsável pela perpetuação da tradição, do culto às deidades africanas e aos antepassados de sua linhagem real. E com isso, fortalecendo a sua linhagem e protagonizando perante o mundo.

A cor branca, presente nos trajes reais do Ooni de Ilé-Ifé, predomina, em meio aos panejamentos diversos que o envolve, entrelaçados aos seus ombros. Em meio a túnicas, sobreposições, o vestuário real do Ooni apresentado nos festivais e em diversas mídias, nos revela a importância dos modos de vestir que personificam sua relação com a ancestralidade e *legado real yorùbá*, assim como todos os demais que estão a sua volta durante a realização dos rituais que acontecem no Festival Olojo. Não menos importante, são o uso de acessórios variados, como por exemplo: os ilekes de corais e ouro, os filás, o *ade aare* (coroa real) e o cajado. Uma de suas seis esposas, a Olori *Queen Aderonke Ademiluyi Ogunwusi*⁴ (...) fundou em 2021 a *Oodua*

³ Nota: O Ooni de Ilé Ifé mantém relações diplomáticas e culturais com o Brasil. Em 2018 esteve no Brasil pela primeira vez, visitando Rio de Janeiro e São Paulo, a fim de criar possibilidades de intercâmbio cultural, econômico, intelectual entre os povos iorùbá e o povo brasileiro. Em 2023, esteve em Lauro de Freitas na Bahia, para entregar uma menção honrosa que reconhecia o Quilombo Quingoma como território de preservação étnica iorùbá. Para mais informações consultar: <https://www.portalafro.com.br/rei-ooni-de-ife-nigeria-visita-o-brasil-em-alto-estilo/> Acesso em: 04 set. 2023. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/20/rei-de-ife-tradicional-berco-ioruba-da-nigeria-entrega-1o-titulo-de-territorio-quilombola-no-brasil.ghtml> Acesso em: 05 set. 2023.

⁴ Princesa Aderonke Ademiluyi Royalty nascida de um descendente da família real, ela é a bisneta do falecido *Ooni Ajagun Ademiluyi de Ile Ife*. Formada em direito pela *West London University*. Em 2011 se tornou a fundadora da *Africa Fashion Week London*, agora o maior evento anual de moda do Reino Unido que promove e nutre talentos de design africanos e inspirados na África. Sua *Africa Fashion Week London* apresentou mais de 1.000 designers e expositores da África e da diáspora global para mais de 70.000 visitantes e representou designers de 27 países africanos e mais 20 designers de inspiração africana de países fora do continente africano, incluindo França, Holanda, EUA, Brasil, China, Caribe e, claro, Reino Unido. Ela é co-autora do livro de moda africana *The Eyes of Originality & Creativity*, produtora do documentário *Ingenious Aso Oke fabric of Nigeria* e fundadora do *Adire Oodua Textile Hub em Ile Ife*, Sudoeste da Nigéria. Escreveu e publicou o livro *A autêntica história da lendária Rainha Moremi desencandeando por ela mesma Moremi The Musical*, um drama musical da lendária Rainha *Moremi Ajasoro* de Ile Ife. Tornou-se Embaixadora *Global da QMA International*, uma iniciativa



Textile Hub Adire com o objetivo de preservar a tradição da estamparia artesanal *adire* (*eleko, alabere e oniko*), batik, serigrafia, técnicas de estamparia industrial wax entre outras, e inseri-las no universo da moda local e internacional, através da produção de coleções vestíveis, visando fortalecer a globalização dessas práticas, desenvolver um trabalho social, incentivar a profissionalização dos artífices (artesãos/artesãs e designers têxteis) dialogando com diversos segmentos de empreendedorismo, culturais, educacionais e acadêmicos através da parceria com a *Obafemi Awolowo University (Institute of Cultural Studies)*. Porém, com o objetivo de propor aos estudantes universitários de áreas diversas, incluindo a área da moda, design têxtil e a produção de coleções de moda. E a partir disso, potencializar os costumes vestíveis da Nigéria, valorizar os estilistas e criadores locais para que possam ingressar no mercado da moda nacional e internacional.

Importante ressaltar que a Nigéria, recentemente se tornou independente, tornando-se uma República na década de 60. Uma vez que se tem o interesse de globalizar os aspectos culturais, educativos e profissionais de líderes tal como as ações do Ooni de Ilé Ifé e da Rainha Ronke, observamos que as ferramentas utilizadas são de influência ocidental, uma vez que os modos de organização política e educativa foram inseridos na Nigéria através da colonização europeia francesa e inglesa. Ou seja, tem-se buscado decolonizar e realizar um movimento contra-colonial através do uso de mecanismos e sistemas ocidentais, voltado a protagonizar as epistemes culturais africanas presentes nos ritos milenares e nos modos de vestir, como por exemplo, o sistema ocidental de produção de moda utilizado pela Rainha Ronke Ogunwusi em sua atuação no campo da cultura, da educação e de empreendedorismo contemporâneo.

1 - Olojo Festival - O Rito da Realeza Iorubá

Segundo Akinyemi Yetunde Blessing em *The Influence of the Kingship Institution on Olojo Festival in Ile-Ife: A Case Study of the Late Ooni Adesoji Aderemi* (2018),

que apoia os direitos de meninas e mulheres na Nigéria e na África. Atualmente, supervisiona o fundo QMA que educa e capacita jovens na Nigéria e na África. Fundadora do Adire Oodua Textile Hub, que está sob a presidência de Sua Majestade Imperial, o Ooni de Ife em 2021. Para mais informações consultar: <https://www.amazon.com/stores/author/B09XXW9YP2/about> Acesso em: 15 mai 2023.



O festival Qlojo é um dos festivais anuais celebrados em Ile-Ifé que fornece a compreensão do mito iyorùbá, das histórias, crenças e o significado da cerimônia. É um ritual que capta a válvula central religiosa e sociocultural do sagrado da cidade de Ile-Ifé, e sua celebração anual renova a crença das pessoas e fortalece a crença na sacralidade da instituição da realeza africana local. O festival é sobre o herói Ògún, uma personalidade com enorme riqueza e poderes políticos. A narrativa mítica de Ilé-Ifè como centro da civilização e universo iyorùbá é considerada no contexto de uma prática ritual de renovação da fé das pessoas. A principal relevância do festival Qlojo reside na plena participação do rei reinante (tradução nossa) (BLESSING, p. 483,2018).

Os escritores McPhilips Nwachukwu & Appolos Beabuchi Oziogu no *The Vanguard Journal* (2012), narram que o festival Olojo não tem uma data precisa, porém, de acordo com as fontes orais surgiu entre os sécs XI e XV em Ilé-Ifè⁵ durante o reinado do terceiro *Ooni de Ilé-Ifé*, com o objetivo de manter a prática religiosa e preservação da memória de seus antepassados. A sociedade tradicional africana perpetua a adoração a muitas divindades e, como resultado, celebram muitos festivais tradicionais para propiciar, pacificar ou apaziguar as divindades que fazem parte da cosmogonia iyorùbá.

No clã imperial de Ilé-Ifè, há a presença de sacerdotes que fazem a consulta aos oráculos divinatórios (opelé ifá ou meèrindilógun), sendo o *Eredumi* – sacerdote de Ògún juntamente com o sacerdote de *Qrànmiyàn* encarregados da anunciação, organização e realização da cerimônia ritualística e do festival de Olojo, que geralmente ocorre entre os meses de setembro ou outubro, o que significa que é celebrada no nono ou décimo mês do calendário lunar, de preferência nos primeiros dias da lua nova após a confirmação com o jogo do *Obi dida* (oráculo divinatório).

No entanto, antes do início do Festival de Olojo, o rei que ocupa o trono - Ooni de Ifé - fica em reclusão por um período de cinco a sete dias para se comunicar com as 401 divindades que residiam na antiga cidade de Ilé-Ifè, cultuados e perpetuados até os dias atuais. O festival Qlojo começa com os rituais e louvores para o orixá Ògún e Qrànmiyàn.

Os sacerdotes e sacerdotisas entoam os orikis (poemas) e enfatizam a seguinte frase: '*Gbàjùre! Gbàjùre! Gbàjùre!!! ebo re a fin, etutu re da...!!!*' (Que as oferendas

⁵ Para mais informações consultar: <https://www.vanguardngr.com/2012/11/olojo-festival-of-ancient-ile-ife/>
Acesso em: 13 mai 2023.



sejam aceitas). Várias mulheres da casa de Ògún, especialmente do complexo de Akògún, reúnem-se à noite para cantar louvores as duas divindades da guerra Qrànmiyàn e Ògún, e lembram ao povo que o festival se aproxima. O santuário de Ògún é decorado com folhas de palmeira (mariwô) para significar o início do festival, enquanto mulheres do complexo de *Eredumi* realizam, três dias antes do início do festival, a limpeza espiritual do palácio (BLESSING, p.485, 2018) (tradução nossa).

Durante o festival, além de todo o processo ritual realizado entre o clã real e sacerdotal de Ilé-Ifè, há a preparação para os festejos públicos. O festival celebra a importância de Ogun, promove as reivindicações e agradecimento de dádivas, celebra a prosperidade e abundância de produtos agrícolas, bem como o bem-estar do povo durante o ano.

Os quatro dias do Festival Qlojo começam com *Ilàgún* (rituais de imolação de animais a Ògún chamado Òkè-Mògún e Òkè-Mògún Keji através da visita do rei ao *ojubó* (santuário de Ògún). Os ritos festivos no decorrer do Festival de Olojo homenageiam os demais orixás: Oxóssi, Ajé Saluga e demais divindades que fazem parte da família funfun (Obatalá, Oduduwa, Ewá, Olokun etc).

O rei é acompanhado pelo sacerdote *Oṣògún* que invoca e reza para Ògún em prol da longevidade de Ooni recitando um oriki (verso) da seguinte forma: “*Kábíyésí, Aláse, Ekeji Òriṣà* (rei, dono do poder sagrado, perdendo apenas para Deus), que você reine por muito tempo e que você possa conquistar seus inimigos (BLESSING, p.486, 2018) (tradução nossa). Logo em seguida, há o festejo acompanhado de famílias reais, príncipes (os *Sòókò*), princesas da linhagem e fora dela. O ritual tem por finalidade renovar e legitimar o poder divino que o *Ooni de Ilé-Ifé* possui e que será preservado para a posteridade.

E em seguida, após o Ooni ter realizado os ritos, entregue as oferendas juntamente com os sacerdotes e sacerdotisas incumbidos de orientá-lo, surge em público usando a sagrada coroa de contas “*Ade Aare*” (coroa real) e vestido com trajes da realeza e belos corais que estão envoltos em seu pescoço. Na tradição de *Ilé-Ifé*, segundo os mitos, acredita-se que o “*Ade Aare*” foi a coroa original usada por Oduduwa.

Vários Obás (reis), sacerdotes e sacerdotisas de outras cidades Estado da Nigéria, se fazem presentes durante o festival, se curvam diante do Ooni em sua peregrinação ao *ojubó* – santuário de Ogun e demais locais de culto. Olojo significa literalmente “Dono do dia”.



O Festival de Olojo é um evento marcado com grande pompa e esplendor. É uma celebração ocasionada por orações, canções, danças, rituais, festejos públicos e ações sociais e de empreendedorismo, uma vez que o Festival está atrelado ao Royal Palace de Ilé-Ifé, aos ritos voltados para a tradição da *realeza yorùbá*, aos ancestrais da linhagem e suas relações de devoção para com os orixás ali cultuados. E ainda, com o empreendedorismo voltado para o campo da moda, fabricação de tecidos e da estamparia artesanal tradicional iorubá chamada de *adire* mencionados no decorrer do texto.

Concomitante com o Festival Olojo, no ano de 2021, houve a apresentação do *Instituto Oodua Textile Adire Hub* com um desfile de modas elaborado por designers locais sob a direção e organização do Instituto Oduduwa presidido pela Rainha Aderonke Ademiluyi Ogunwusi, uma das esposas do Ooni de Ilé-Ifé que relataremos a seguir.

2 – Oodua Textile Adire Hub - Trajes, Cultura, Educação, Produção Vestível e Diálogo com a Moda

O *Instituto Oodua Textile Hub Adire de Ilé Ifé*⁶ foi fundado em 2021 pela Princesa Aderonke Ademiluyi e é presidido e dirigido pelo *Oduduwa Institute* que oferece à comunidade local e para jovens pesquisadores nacionais e internacionais, cursos de estamparia artesanal tradicional *yorùbá*, incentivando-os a criar coleções de moda e realizar uma imersão nas técnicas milenares de estamparia e tingimento de tecidos, mas não descartando as novas tecnologias e industrialização, uma vez que a indústria de produção de tecidos estampados com motivos e simbologias africanas tem se intensificado no decorrer dos séculos⁷.

Estando a frente do Instituto o Ooni de Ilé Ifé e sua esposa Aderonke Ogunwusi⁸, juntamente com demais parceiros, o projeto já em execução, tem o

⁶ Para mais informações consultar: <https://adireoodua.org/> Acesso em: 25 ago. 2023

⁷ Nota: Um bom exemplo é a empresa Vlisco, que ao se apropriar das técnicas de estamparia oriental da Indonésia no séc XVIII, tentou revender os tecidos para o próprio país, porém, devido a péssima qualidade da estamparia e tingimento, foi rejeitada e passou a vender e distribuir os tecidos wax prints holandeses em vários países africanos, como Togo, Mali, Nigéria, Angola e Moçambique. Atualmente, além de Vlisco, temos diversas empresas chinesas e locais que desenvolvem a produção industrial em larga escala pelo continente africano, dificultando a produção artesanal e de certa maneira, desvalorizando a produção local de pequenos e médios produtores das técnicas milenares africanas.

⁸ Nota: O African Fashion Week (AFW) foi concebido pela Queen Ronke Ademiluyi Ogunwusi (bisneta do falecido Ooni Ajagun Ademiluyi, o Rei do Reino de Ife, agora localizado no Estado de Osun, Nigéria) em 2011 em Londres



objetivo de modificar a realidade social africana, apresentando os aspectos culturais e educativos nigerianos, promover a valorização da produção local e o fortalecimento da economia criativa através do Instituto fundado por eles em 2021.

E nesse contexto de tradição atrelado a educação, a cultura, ao turismo e ao empreendedorismo, nos dá a entender que: o Festival Olojo, as práticas de fabricação/estamparia e tingimento de tecidos, os saberes milenares, as tradições, os ritos e as filosofias voltadas para o cultivo das divindades do panteão *yorùbá* se fundem, dialogam entre si, propondo uma relação social, visibilidade cultural, empregabilidades e impulsionamento da economia criativa visando o protagonismo em detrimento do apagamento realizado no decorrer da história e processo de colonização na África, em particular, na Nigéria. E ainda, incentivar demais líderes de outros países africanos a desempenharem um papel preponderante visando combater as diferenças, o racismo e o preconceito relacionado às epistemologias africanas. Ambos têm realizado um trabalho que chama a atenção da imprensa e de órgãos institucionais para expansão de suas práticas em prol da riqueza e valorização cultural iorubá.

No projeto proposto pelo *Oodua Textile Hub Adire*, além da iniciativa educacional, de empreendedorismo e preocupação com a aproximação com as instituições acadêmicas de nível superior, vários eventos têm sido realizados desde sua fundação. Em 2021, juntamente com os estudantes da *Obafemi Awolowo University (Institute of Cultural Studies)* foi realizado no Royal Palace Ilé Ifé um grande evento de moda durante o Festival Olojo do mesmo ano, onde os estudantes, designers de moda locais e artífices tradicionais africanos, puderam demonstrar os processos criativos em um desfile de modas.

Segundo a Princesa Aderonke Ademiluyi, foi um evento muito importante, uma vez que foi sugerido aos estudantes e demais envolvidos de realizarem um trabalho voltado para a filosofia e cultura *yorùbá*, através das referências locais, dos cultos



familiares aos orixás e o que foi implantado nas diásporas das américas, através dos ancestrais que foram escravizados durante o tráfico e comércio transatlântico que iniciou no séc XV e perdurou até o séc XIX. Os estudantes realizaram um Tributo aos Orixás, desenvolvendo vestimentas, trajes e indumentárias que evidenciaram a importância da preservação de suas tradições dentro e fora da Nigéria. E ainda, a construção de acessórios que compunham as vestes no que se refere à tradição iorubá.

O desfile de modas foi realizado no Royal Palace durante o Festival de Olojo 2021 e ocupou toda a edificação da realeza iorubá. Ao observar alguns pequenos vídeos feito por amadores, imagens captadas e sites de jornais da Nigéria, deu a entender que a organização do evento foi feita em diversos blocos, tendo à frente modelos que empunhavam uma placa que se referia ao orixá que serviu de referência para a criação das coleções.

Cada bloco trazia a produção de cada equipe de estudantes e de famílias que são detentoras das práticas milenares de produção e tingimento de tecidos para a confecção dos trajes, e ainda, a produção dos acessórios e demais adornos presentes nas peças vestíveis (Fig.1). Ao observar as imagens, notamos a forte presença da estamparia *adire* e da manufatura em tear que produz os tecidos kente de Ghana. Isso demonstra a circulação desses fazeres artesanais pela Iorubalândia na contemporaneidade, contribuindo para a riqueza e narrativa cultural apresentada nas vestes e nos envoltórios corporais. Houve um cuidado minucioso na apresentação das criações pautadas nos modos de vestir africanos, através de panejamentos, amarrações, uso de túnicas, alakas, bou bou, grand bou agbada, mas também, peças com produção inspirada na cultura europeia, uma vez que a Rainha Aderonke participa há mais de 15 anos do *Africa Fashion Week London*⁹ concomitante com o lançamento das tendências de moda internacionais de Paris, New York e Brasil.

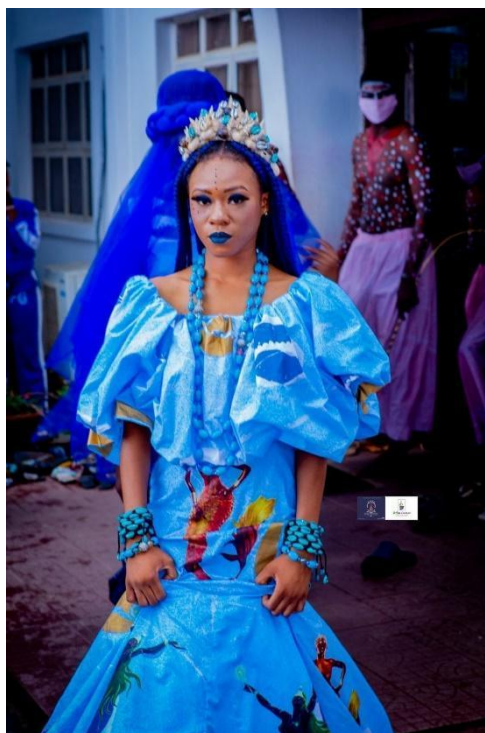
Figura 1 – Modelos em blocos para apresentação dos trajes no Royal Palace – Festival Olojo 2021

⁹ Para mais informações consultar: <https://africafashionweeklondonuk.com/> Acesso em: 03 set. 2023



Fonte: <https://adireoodua.org/2021-olojo-festival-1/> Acesso em: 03 set. 2023

Figura 2 – Modelo com traje representando Yemoja no Festival Olojo 2021



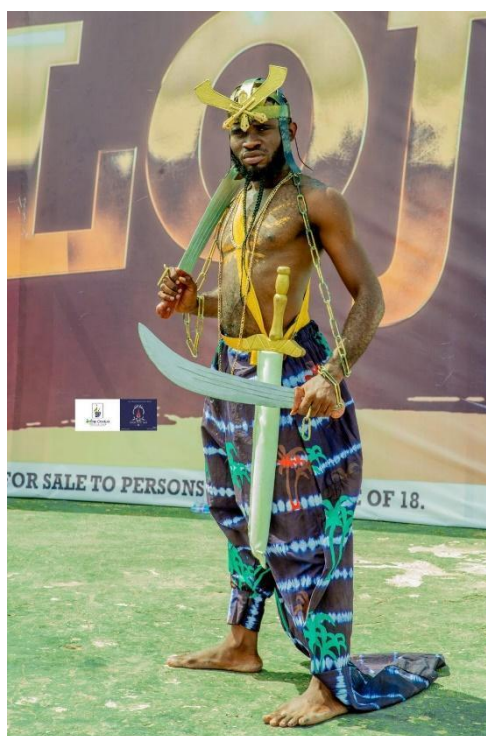
Fonte: <https://adireoodua.org/2021-olojo-festival-1/> Acesso em: 03 set. 2023

Ao nos reportarmos para as tradições e ritos de culto aos orixás, descobri que o Brasil foi um dos temas de pesquisa dos estudantes/designers, sendo apresentado em suas criações vestíveis, divindades afro-brasileiras presentes na nossa *terra brasilis*. O panteão dos orixás nagô iorubá foram fontes e referências para a criação



do vestuário de moda. *Yemoja*, conhecida como Iemanjá (Fig.2), surgiu em suas variadas formas, uma vez que é conhecida como a “Mãe dos filhos peixe”, como a “Sereia” e em suas diversas formas sincréticas. Algo bastante surpreendente, uma vez que do lado de lá, na Nigéria, nos dá a entender que se conhece muito bem a cultura e religiosidade preta afro-brasileira. A imagem de *Yemoja* muito conhecida e perpetuada por artistas presentes na diáspora brasileira foi uma das referências utilizadas por um dos designers criadores de uma coleção de moda que foi apresentada. Ao invés de utilizar a imagem embranquecida, utilizou a imagem da sereia preta.

Figura 3 – Modelo representando o traje do orixá Ogun com elementos da cultura oriental japonesa na versão AFWN (Afrika Fashion Week Nigéria 2021)



Fonte: <https://adireoodua.org/2021-olojo-festival-1/> Acesso em: 03 set. 2023

Em uma das diversas e variadas criações, surgiram referências orientais, sendo possivelmente representada pela presença da cultura oriental japonesa, através do capacete do Samurai Yasuke¹⁰ na cabeça do modelo africano (Fig.3), que trajava a

¹⁰ Yasuke foi um escravizado que chegou ao Japão por volta do séc XVI que tornou-se um Samurai na era do Imperador Oda Nobunaga. Ele chegou na costa de Kyoto, capital do Japão no século XVI, em uma comitiva de missionários portugueses, no ano de 1579. Tinha 24, 25 anos e foi vendido como escravo para o padre jesuíta Alessandro Valignano, de quem era guarda-costas e “ajudante” pessoal. Oriundo de Moçambique, alguns historiadores apontam que fazia parte do grupo étnico dos macua. Para mais informações consultar: LANCASTER,



indumentária de *Ògún*, outro exemplo bastante peculiar, nos dando a entender que as intersecções entre culturas diversas, estão presentes na Nigéria e que narram acontecimentos históricos no decorrer do tempo para além do tempo. Os designers estão antenados nos contextos narrativos para além da Iorubalândia e desejam aprofundar os conhecimentos dos processos que incentivaram a preservação de sua cultura nas diásporas espalhadas pelo mundo.

Em 2018, a princesa Aderonke Ogumwusi, já reconhecida como a Rainha de Ilè-Ifé assinou um contrato com Instituto Internacional FEAfro para realização do Afrika Fashion Week no Brasil, com o intuito de ampliar o projeto, evidenciar cada vez mais a importância dos aspectos culturais nigerianos, os processos educativos de estamparias africanas, a produção de tecidos e de moda, realizada por designers nigerianos em terras brasileiras.

Foi necessária uma outra parceria para que houvesse um representante brasileiro, que pudesse dar conta do projeto na cidade de São Paulo, pois a ideia era ser um evento internacional concomitante com o evento São Paulo Fashion Week Brasil. E para isso, O AFW chega ao Brasil por meio da empresária Silvana Saraiva que detém a patente para realização do evento no país e que trabalha há 17 anos na promoção bilateral entre Brasil e África realizando a *FEAFRO International Business Fair* e na presidência da Câmara de Comércio Brasil África Cedeao FEAfro, impulsionando a aproximação com produtores africanos da Nigéria e demais países africanos, com interesse em diversos produtos do setor da moda e variedades, como por exemplo: tecidos, acessórios, calçados, produtos de beleza, decoração, produtores de moda entre outros. A proposta é de dar continuidade da realização desse evento a cada dois anos na cidade de São Paulo.

O evento Africa Fashion Week Brasil 1ª Edição aconteceu no mês de maio de 2023 e fui a campo para me aproximar dessa nova perspectiva, voltada para a divulgação cultural e de moda em São Paulo por africanos. E confesso que me surpreendi com a grandiosidade apresentada através dos designers de moda e seus produtores de peças vestíveis, uma vez que em suas criações partem dos costumes tradicionais africanos (modos de vestir) e os subvertem para a contemporaneidade



através do prêt-à-porter. Foram três dias intensos, uma vez que além dos desfiles de moda, pude participar de palestras, workshops e demonstrações de técnicas artesanais de estamparia em tecidos *adire* e suas combinações para além dos aspectos tradicionais.

Na coleção apresentada pelo Oodua Hub Textile Adire, além dos tecidos tradicionais tingidos e estampados, havia a presença de tecidos de voal, organza e algodão, muito bem distribuídos nos vestidos e kaftans. Além de uma diversidade imensa de técnicas de impressão em tecido, como por exemplo o *silk-screen*, *serigrafia* e o *block print*. Ao visitar o stand que exibia a coleção dos designers do Oodua Textile, me deparei com diversas estampas dos orixás e seus nomes, além de elementos aquáticos e imagens de símbolos correspondentes às suas características. Algo bastante afro-brasileiro, uma vez que na cosmogonia *nàgò iyorùbá*, as insígnias/paramentos, são elementos que os representam.

A própria Rainha Ronke Ogumwusi fez uma demonstração das técnicas de estamparia adire produzida em seu Instituto em Ilè-Ifé, desde os métodos tradicionais até os mais criativos processos em diálogo com outras técnicas como exemplo: a serigrafia e o silk-screen aqui já mencionados. A estamparia *adire* é perpetuada por seus produtores que passam seus saberes de geração a geração, regado de simbologias, ritos de passagem e *pós morte*, porém, com a globalização e a apreciação visual e de design dessa estamparia, os próprios africanos passaram a desenvolver itens que possam ser comercializados, reproduzidos em série, produzidos em larga escala pelas indústrias, não ferindo os contextos tradicionais, os significados e significantes que os tecidos e a técnica carregam em si.

No evento havia diversos stands de designers africanos da Nigéria, de africanos e afrodescendentes residentes no Brasil, como a Kuavi¹¹ e a Meninos Rei¹², ambas especializadas em produção de moda fazendo uso dos tecidos *wax prints hollandais* e demais tecidos apreciados pelo público afro-brasileiro. Um evento regado a novas tendências, representatividade, cultura africana e afro-brasileira, e ainda, possibilidades de negócios com um olhar voltado para o mercado consumidor. E com

¹¹ Para mais informações consultar: <https://kuavi.com.br/> Acesso em: 03 set. 2023

¹² Para mais informações consultar: <https://www.meninosrei.com.br/> Acesso em: 03 set. 2023



isso, cada vez mais, promover a valorização das epistemes pretas na diáspora em contato com sua terra de origem: a África.

Com a apreciação das apresentações dos desfiles de moda, da presença de diversos estilistas africanos e da própria Rainha Ronke, pude perceber o quanto a Nigéria tem se aproximado da diáspora preta brasileira com uma perspectiva contemporânea, voltada para a valorização das tradições culturais e filosóficas africanas, mas sem perder o foco na ampliação desses saberes e técnicas de produção de tecidos e de moda, voltado para a sustentabilidade, geração de renda e de dignidade para todos os envolvidos.

Além de todo um trabalho voltado para o empreendedorismo, temos a percepção de que há uma ação de autoafirmação de toda uma riqueza produtiva que estão além de aspectos voltados não somente para as religiosidades, mas sim, para causas sociais que traduzem suas necessidades, funcionalidades e expansão, que me parece ter um teor de ocupar o circuito da moda mundial. Um projeto ambicioso que está tomando forma, conteúdo e vislumbrando sua permanência no presente e caminhando para o futuro. E para isso, nada mais coerente que enaltecer tradições, filosofias, epistemes pretas e traduzi-las na arte de estampar tecidos, produzir roupas e realizar desfiles de moda étnicos para tal. E possivelmente, possibilidades de protagonismo africano através dos designers que vão apresentando suas criações de moda.

Ansioso estou para apreciar e pesquisar a 2ª Edição Afrika Fashion Week Brazil que acontecerá em 2025. Nos dá a entender que haverá novidades, processos de inovação e fortalecimento do evento na cidade da garoa. Não menos importante, devemos ressaltar que a história e grandes feitos da Rainha *Ronke Ogumwusi* foi fonte de inspiração para o enredo do carnaval 2023 pela Escola de Samba Unidos do Peruche, que apresentou no Sambódromo Anhembi um desfile com o enredo: “*Da Cultura do Reino de Ifé, ao legado da Rainha Ronke*”. Ao assistir o desfile carnavalesco, foi possível mensurar a importância de seu legado, de suas propostas sociais e de seu engajamento empresarial, traduzido pelo samba enredo. E com isso, afirmando os diálogos entre moda, arte e manifestações populares, assim como o Festival de Olojo que agrega todos esses elementos e os apresenta para o mundo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa para a escrita desse artigo me deparei com algo que vai além das questões voltadas para os aspectos religiosos africanos perpetuados na diáspora brasileira. Ou seja, a aproximação da Nigéria com o Brasil num projeto amplo que reconhece o legado dos antepassados africanos que assentaram em terras tropicais suas epistemes, filosofias, modos de ver, de ser e de estar do mundo, mesmo dentro de um processo violento, necropolítico e de abuso de poder que foi o tráfico e comércio transatlântico para as Américas.

Embora o Brasil tenha fortes resquícios dessa triste realidade (a escravidão), o tempo passou. Num movimento espiralar muito bem abordado por Leda Maria Martins (2021), estabeleceu-se um processo de continuidades, revisões e de globalização dos aspectos culturais africanos de diversos países africanos, e em particular, da Nigéria com o Brasil, interessada em fortalecer os laços e abrir possibilidades de equiparação social, econômica, educativa, cultural em busca de uma sociedade mais justa e que reconheça a importância da contribuição negra para a formação da sociedade brasileira.

Ao observarmos a presença de líderes da realeza africana no Brasil, em suas relações diplomáticas e culturais, intuímos que cada vez mais há a necessidade de protagonizar e valorizar o legado que perpassa os aspectos religiosos e ocupar diversas áreas que explicitam as riquezas presentes na África e no Brasil. A abertura do diálogo com o empreendedorismo, com a moda, com as artes e com os notórios saberes dos terreiros de candomblé e dos quilombos, promove um reconhecimento imensurável para os dois países: Brasil e Nigéria.

A realização de eventos de moda e o protagonismo de seus produtores, designers, criadores, maquiadores, músicos e toda a equipe que envolve a materialização do acontecimento, nos coloca no ranking de propagadores de uma nova era, que além de preservar as tradições, valorizar os aspectos culturais africanos e afro-brasileiros, promove o combate ao racismo e ao vilipendiamiento voltados para o povo africano e seus descendentes no decorrer de nossa história. Assim como o provérbio Sankofa significa que devemos voltar atrás e pegar o que foi deixado no passado, podemos olhar para o presente, fortalecer as lutas e vislumbrar um futuro promissor, na busca da equidade e igualdade racial no mundo que favoreça as



relações sociais. E com isso, o fortalecimento da dignidade e alteridade preta perante a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEBAYO, Ifá Jimi. **A Filosofia de Òrúnmìlà-Ifá e a formação do bom caráter**. Editora Dialética, 2022.

BLESSING, Akinyemi Yetunde. The Influence of the Kingship Institution on Olojo Festival in Ile-Ife: A Case Study of the Late Ooni Adesoji Aderemi". *Africology: The Journal of Pan African Studies*, v. 12, p. 482-98, 2018. Disponível em: [http://jpanafrican.org/docs/vol12no1/12.1-29-Blessing%20\(1\).pdf](http://jpanafrican.org/docs/vol12no1/12.1-29-Blessing%20(1).pdf) Acesso em: 16 mai 2023.

BLESSING, Akinyemi Yetunde. A Comparative Analysis of Olojo Festival under the Late Adesoji Aderemi and the Late Okunade Sijuwade Olubuse II. *Africology: The Journal of Pan African Studies*, v. 12, p. 8-20, 2018. Disponível em: [https://www.jpanafrican.org/docs/vol12no1/12.1-3-Blessing%20\(1\).pdf](https://www.jpanafrican.org/docs/vol12no1/12.1-3-Blessing%20(1).pdf) Acesso em: 15 mai 2023.

SILVA, Sebastião Fernando da et al. **A FILOSOFIA DE ÒRÚNMÌLÀ-IFÁ E A FORMAÇÃO DO BOM CARÁTER**. 2015.

LANCASTER, Aaron A. Yasuke: **The Black Samurai**. 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.lmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1293&context=etd>

MENDONÇA, Renato et al. **A influência africana no português do Brasil**, 2012.

SITES VISITADOS

Ronke Ogumwusi

<https://contents101.com/2022/10/22/ronke-ademiluyi-biography-age-education-career-and-net-worth/> Acesso em: 31 ago. 23

AFW Brasil

<https://afwb.com.br/> Acesso em: 25 ago.23

Oodua Textile Hub Nigéria – Ilè Ifé

<https://adireoodua.org/> Acesso em: 25 ago. 23

